

26/01/19 ~ Quanto Vale o Brasil para a Vale?

---

[26/1 14:14] +55 61 8186-1488: [Quanto Vale o Brasil para a Vale?]

Quando ingressei no curso de Geologia da UFPA, em 1998, a Vale ainda se chamava Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), e possuía a Docegeo, uma subsidiária focada em atividades de pesquisa mineral. A empresa havia sido privatizada recentemente, em 1997, ou seja, há menos de um ano. Ainda guardava resquícios de responsabilidade com o país. Entendo que responsabilidade social e ambiental não são atributos exclusivos de empresas estatais ou privadas. Há bons e maus exemplos em ambos os modelos. Hoje penso que esses atributos estão mais relacionados aos princípios e valores das empresas e seus respectivos gestores, e são claramente demonstrados nas ações práticas a que desenvolvem.

No passado, o compromisso e a responsabilidade da Vale com investimentos em pesquisa geológica no Brasil eram muito claros. Não apareciam somente em propagandas de TV ou em grandes anúncios pelas estradas. Eram vistos na promoção da pesquisa mineral, e no cuidado técnico com a Geologia do país. Tínhamos a Vale como maior patrocinadora de eventos científicos geológicos (congressos, simpósios, dentre outros). Nos eventos havia dias inteiros de trabalhos da empresa, com discussões técnicas sobre prospectos e alvos exploratórios, sessões dedicadas desde à gênese dos depósitos minerais até geologia de engenharia, da origem aos mecanismos de exploração conscientes.

No decorrer da década de 2000 a Vale foi se retirando gradativamente do cenário científico geológico do país. Isso foi muito claro com a extinção da Docegeo e com a decrescente participação da empresa em eventos científicos. Recordo que logo após a transição de venda, ainda tivemos alguns poucos trabalhos da Vale nos Congressos de Geologia, mas sempre focados em modelos de gestão da empresa, algo bem distante das expectativas técnico científicas em eventos de cunho geológico. Nos últimos Congressos Brasileiros de Geologia a Vale deixou de ser patrocinador oficial, gerando uma lacuna enorme ao público e aos organizadores do evento, tanto do ponto de vista dos trabalhos que deixaram de ser levados, quanto em relação ao suporte financeiro.

Apesar da inestimável lacuna que uma das maiores empresas mineradoras do mundo faz no universo científico do Brasil, penso que a lacuna do rigor ambiental e o

progressivo descompromisso social que a empresa vem demonstrando são os aspectos que mais deixam tristes os que conheceram a antiga Vale do Rio Doce. A empresa, fundada em um rio no interior do país, que lucrou tantos rios de dinheiro vendendo minério de ferro do Pará e de Minas Gerais, hoje destrói importantes rios e paisagens brasileiras com seus rejeitos. A multinacional que não mais demonstra respeito à ciência geológica e ao meio ambiente do Brasil, é suportada no país pelas vistas grossas dos órgãos de fiscalização ambiental e seus agentes corruptos. Somam-se a isso as omissões dos estados e prefeituras, dependentes dos empregos gerados e da arrecadação de impostos da empresa. Além de tudo, as multas dos crimes cometidos são sucessivamente reduzidas ou abonadas por leituras judiciais irresponsáveis que, provavelmente, barganham alguns trocados.

Mas seria essa mudança de comportamento da empresa para com o Brasil um mecanismo de ação global da empresa? Findada a primeira década dos anos 2000 cheguei a pensar que, após a transição de paradigmas da empresa, esta havia modificado seu enfoque e não investiria mais em eventos científicos mundialmente. No entanto, a minha surpresa maior veio em 2012, no Congresso Internacional de Geologia que ocorreu na cidade de Brisbane, na Austrália. A Vale assinava como Major Sponsor do evento. A empresa, tal como fazia antes no Brasil, apresentava trabalhos científicos e era possuidora de um mega stand, que doava coals de pelúcia e promovia fotos dos participantes com um jacaré de verdade. Minha conclusão: a empresa que se desenvolveu e gerou seu enorme capital principalmente no Brasil, não possui mais interesse em ter seu nome vinculado aos eventos científicos do país. O descuido ambiental é evidente e vem sendo mostrado pelos sucessivos desastres. Há três anos foi em Mariana (ainda que a Vale fosse sócia não-operadora) e agora foi em Brumadinho, em uma barragem da própria Vale. Isso é a maior evidência que a lição não foi aprendida pelos gestores da empresa, que continuam priorizando os custos e lucros, sem levar em conta a responsabilidade da empresa com as questões ambientais e sociais do país.

O Instituto Vale e algumas poucas chamadas em editais com agências de fomento são investimentos que considero ainda relevantes, porém de abrangências limitadas, totalmente focados em interesses de produção da própria empresa.

Por fim, diante da trágica perda de vidas e do enorme dano ambiental causados hoje pelo rompimento da barragem da Vale, enquanto geólogo, acadêmico e, sobretudo, cidadão, me pergunto:

- Quanto vale hoje o Brasil para a Vale?

Cleyton Carneiro - geólogo, professor, cidadão (Santos, SP, 25/01/2019 às 23h42).  
Agradeço ao também geólogo, professor e cidadão, Prof. Alvaro Crósta, pelas discussões e revisão do texto.

\*Foto do 34th International Geological Congress, em Brisbane, na Austrália, ano de 2012, evento que contou com a Vale como Major Sponsor.

-----  
[26/1 16:38] Danni: "Uma vida, quanto vale?

Se for de gente, de bicho, de rio  
nada vale.

Mais vale a Vale!

Que paga imposto  
que enche o bolso  
de quem não é povo.

Acabou-se o Doce.

Deixou na boca  
o amargo gosto  
da impunidade.

Acaba o Paraopeba

e com ele vidas  
que nada valem.

Mais vale a Vale!

E o velho Chico tranquilo

lá pras bandas da Bahia  
recebe tal mortandade.

Chora Minas!

Chora lágrimas cristalinas.

Chora Doce.

Chora sangue.

Enquanto a lama vai matando

as águas puras que nascem em suas entranhas.

Mais vale a Vale!"

DelLobato

[26/1 16:40] +55 61 8186-1488: Arrogância, IRRESPONSABILIDADE, Incompetência, impunidade meu nome é VALE.

[26/1 16:40] Danni:

I

O Rio? É doce.

A Vale? Amarga.

Ai, antes fosse

Mais leve a carga.

II

Entre estatais

E multinacionais,

Quantos ais!

III

A dívida interna.

A dívida externa

A dívida eterna.

IV

Quantas toneladas exportamos

De ferro?

Quantas lágrimas disfarçamos

Sem berro?

(Drummond, 1984)

[26/1 17:48] Manfredo Winge: Penso que políticas de exportar em altas escalas *commodities*: minérios, soja e outras monoculturas bem primárias, ainda mais com subsídios, não nos tirará do atraso e da dívida impagável e só nos levará a aumentar a miséria popular, a degradar o meio ambiente e a aumentar a pobreza, a criminalidade com a diferença brutal de renda (em um ciclo vicioso). Acho que temos que investir no desenvolvimento do setor industrial, o menos poluidor possível, e, mais ainda, investir maciçamente no ensino e na capacitação humana desenvolvendo para o 3º setor (de serviços) e o “4º setor” (de inteligência com frentes de pesquisas, inovação e tecnologia). Ou seja, nossos políticos,

representando o povo, precisam ouvir mais as universidades, pesquisadores e filósofos,.. e menos as igrejas, bajuladores, sindicatos patronais e corporativistas,.. Para isso o MEC precisa ter um ministro de Estado que domine o português e que não determine que os "cidadões" devam ser como uns eunucos mentais que defendam ideologias exóticas de 2 ou mais séculos atrás.

*(Acrescentando à msg acima: ensino, pesquisa, desenvolvimento científico, tecnológico e cultural em universidades públicas bem geridas **não implicam em despesas** mas, sim, **em investimento prioritário e sistemático indispensável** para o permanente e equilibrado crescimento econômico, social e democrático do País – Manfredo Winge*

---

0-0-0-0-0-0-0-0

Voltar para [Whatsapp Pickles](#) Ir para o [SITE](#)